

ENAWENÊ-NAWE

Índios ameaçam confronto com os garimpeiros que invadiram áreas

cacique Kawairi esteve em Cuiabá, ontem, e fez o alerta para representantes do Ibama e Funai



Representantes dos índios Enawenê-Nawe vieram a Cuiabá para denunciar a invasão dos garimpeiros em sua reserva

Os índios Enawenê-Nawe podem se armar e entrar em confronto a qualquer momento com garimpeiros que invadiram suas terras. O alerta foi feito ontem pelo cacique Kawairi, durante reunião com representantes de órgãos como Ibama, Funai, Operação Anchieta (OPAN), Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Prodeagrô e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

A reserva dos Enawenê-Nawe tem 752 mil hectares e fica na divida de Mato Grosso com Rondônia, nos municípios de Juína e Brasnorte (Norte do Estado). Há mais de 30 dias dezenas de garimpeiros invadiram parte da reserva e começaram a exploração garimpeira.

Essa não é a primeira vez que se registra invasões na área. Ano passado, 17 garimpeiros que se instalaram na reserva foram expulsos e em represália assassinaram um funcionário do Ibama que fazia a fiscalização no local. Os representantes dos Enawenê-Nawe que estão na Capital querem uma solução imediata para o

problema e se revelam dispostos a "tudo para defender suas terras".

Outras invasões já tiveram desfechos trágicos na reserva Enawenê-Nawe. Entre 1984 e 1986 ocorreram conflitos entre índios e invasores resultando em 10 mortes. Em 1987, em represália a essas mortes, o missionário Vicente Canãs, que defendia os índios, foi assassinado.

O cacique Kawairi informou que na área invadida, próxima ao rio 12 de Outubro, os índios plantam os alimentos com os quais sustentam suas famílias. "Nossas roças estão sendo destruídas", queixou-se Kawairi, destacando que a situação pode ficar tensa na reserva se não forem adotadas medidas urgentes. "Sabemos que os garimpeiros estão armados", avisou o cacique.

Os Enawenê-Nawe temem principalmente pela segurança das crianças da aldeia. Conforme o Kawairi e Lulawenakwaene, 60% da população da aldeia - hoje de cerca

de 250 - são crianças que em função da ocupação da reserva pelo homem branco correm riscos de não terem onde viver.

Além da imediata expulsão dos garimpeiros, os Enawenê-Nawe querem a homologação do processo de demarcação da reserva. Bastante irritados, Kawairi e Lulawenakwaene disseram que "não querem mais ouvir mentiras da Funai" sobre a homologação da demarcação da reserva. O superintendente da Funai em Mato Grosso, Denivaldo Roberto Rocha, explicou que a demora foi porque houve erro no serviço de rastreamento da área da reserva obrigando os técnicos a refazê-lo.

O superintendente do Ibama-MT, Jacob Kutner, disse que é preciso que se faça contatos com autoridades de Vilhena, cidade que faz divisa com a reserva, para envolvê-las no processo de retirada dos garimpeiros. Jacob lembrou que será necessário cobertura policial para se chegar até a área invadida.